



Acta Scientiarum. Language and Culture
ISSN: 1983-4675
eduem@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Barzotto, Leoné Astride; Pacheco, Mara Regina
Memória e representação da fronteira Brasil / Paraguai
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 35, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 25-31
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426115003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Memória e representação da fronteira Brasil / Paraguai

Leoné Astride Barzotto* e Mara Regina Pacheco

*Universidade Federal da Grande Dourados, Rua João Rosa Góes, 1761, 79825-070, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: leonebarzotto@ibest.com.br*

RESUMO. Este artigo pretende analisar aspectos da memória e da representação da fronteira Brasil-Paraguai a partir de autores sul-mato-grossenses que visam retratar essa região transfronteiriça em sua literatura, seja em seus aspectos naturais (fauna, flora, tipografia), seja no registro de acontecimentos importantes que marcam a história/economia/política/cultura dessa região. Para tal, enfocaremos de que modo esses escritores demonstram os resquícios de lembranças e quais elementos tendem a representar aquilo que é peculiarmente regional.

Palavras-chave: memória, representação, Mato Grosso do Sul.

Memory and representation of Brazil / Paraguay borderland

ABSTRACT. This article intends to analyse some aspects of memory and representation of Brasil-Paraguay borderland from the perspective of local writers in the state of Mato Grosso do Sul who try to demonstrate this *transfrontier* region in their literature, either in the natural aspects (fauna, flora, tipography) or in the register of relevant happenings that are remarkable for the history/economy/politics/culture of the region. Thus, we focus on these writers to reveal reminiscence and elements that tend to representate themselves as peculiarly regional.

Keywords: memory, representation, Mato Grosso do Sul.

Introdução

A prosa e a poesia produzidas em Mato Grosso do Sul, nessa região da fronteira do Brasil com o Paraguai, já foram descobertas e têm seu reconhecimento em nomes como Manoel de Barros, Flora Tomé, dentre outros. No entanto, as obras de cunho memorialístico e autobiográfico ainda não têm o mesmo fôlego e necessitam do debruçar de pesquisadores da área para que sejam conhecidas e possam se tornar objeto de estudo, de conhecimento, sobretudo, de reconhecimento. Assim, esse estudo tem como intuito pesquisar escritores que, em suas obras, tenham o tom memorialístico e autobiográfico que permitam identificar traços que representam ou figurem aspectos históricos, políticos, econômicos, culturais ou particularidades da flora, da fauna e da topografia da região de divisa de Mato Grosso do Sul com o Paraguai.

Selecionamos, para essa pesquisa, obras de forasteiros que estiveram nessa região inóspita no período da guerra do Paraguai, por exemplo, Visconde de Taunay, com as obras *Inocência* (2010) e *A retirada da Laguna* (2005); Hernâni Donato, com *Selva trágica* (1976), e outros que viveram na região e se tornaram testemunhas oculares desse período;

Ulisses Serra, com *Camalotes e guaviras* (1989); Otávio Gonçalves Gomes, com *Onde cantam as seriemas* (1988); e Hélio Serejo, de quem selecionamos das *Obras Completas* (2008) os livros *Vida de erval*, *Caraí* e *Homens de Aço*.

Ao contar a história individual, conta-se também a história coletiva, como afirma Maurice Halbwachs, em *Memória Coletiva* (1990), pois não existe memória individual, apenas memória coletiva. Ou seja, uma pessoa não é capaz de se lembrar de todas as coisas com precisão, necessitando de rememorações advindas de outros, as quais se tornam, desse modo, um fio que se constrói conjuntamente a várias mãos e em diversas lembranças interconectadas. Assim, recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós.

De acordo com Dosse (2001), a ligação entre a obra literária e o desenvolvimento da sociedade que a viu nascer é indissolúvel, ou seja, o texto literário traz o registro de uma época e de sua gente porque funciona, desse modo, como arquivo de resgate histórico, social e cultural. Logo, cremos poder afirmar que o texto literário é um material que traz,

nele representado, as transformações e evoluções pelas quais passaram um determinado povo ou região. Mesmo que seja por meio da 'representação', ao narrar, os escritores condensam, cristalizam, perpetuam uma experiência vivida ou observada, servindo de analogia do mundo real *versus* mundo imaginado. Desse modo, entendemos que na construção narrativa dos escritores por nós selecionados encontramos registros, marcas, representação de ícones que marcam essa região transfronteiriça.

Ainda com Dosse (2001), levanta-se a questão da confrontação entre discurso e realidade como um obstáculo: "A realidade tem que ser considerada no tratamento, pois não poderemos distinguir o que é fantasia daquilo que não o é se não houver referenciais na realidade". (DOSSE, 2001, p. 277).

Essa crise da historicidade, portanto, acaba tendo refluxo na memória, ou seja, como o fato não pode mais ser extraído do presente, ele é recolhido da memória que foi registrada na época.

Na memorialística, o sujeito observador, relator, não é total, uma vez que assume uma terceira identidade: a do escritor; recolhendo do 'observador/vivenciador', e de outros, fragmentos de memória que se reconfiguram e se tornam palavra escrita cristalizada no texto. Da obra literária podemos resgatar a representação de uma época, de um povo, de uma cultura, uma vez que no tecido literário são figurados, retratados, aspectos representativos da cultura, da história e da constituição de uma nação. Desse modo, buscaremos selecionar trechos nos quais figurem relações estreitas e verossímeis com as ciências humanas, sociais, históricas, uma vez que estudos atuais legitimam o texto literário como reservatório da história, como arquivo documental vivo que viabiliza um trabalho histórico, memorialístico de sociedades desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento.

Em *A educação pela Noite* (2003), Antonio Cândido argumenta sobre os novos olhares sobre literatura e história, como não tendo mais oposição marcada entre 'verdade' e ficção. Afirma ele que muitas fábulas são história e, em contraponto, muitas narrativas históricas também são fábulas: "[...] se a História representa o desejo de verdade, o romance representa o desejo de fabulação com a sua própria verdade" (CANDIDO, 2003, p. 99). Une-se a esse ponto de vista a obra *Trópicos do Discurso – Ensaios sobre a crítica da cultura* (WHITE, 2001, p. 137), no qual o autor pontua que tanto a história quanto a literatura são sustentadas pela linguagem verbal que é a narrativa.

Michel de Certeau, Paul Ricoeur, juntamente com White, formularam os pressupostos da interação e interpenetração de processos sociais e simbólicos, tornando possíveis laços que ligam o discurso histórico e o literário por meio de duas ponderações: uma que afirma existir uma distinção entre o passado real e concreto e a historiografia, que é uma narrativa construída pelo historiador, já que essa é entendida como a recriação plausível de um fato, de um dado, de uma dada época; já os fatos passados recuperados, via documento, não são o fato bruto em si, mas sim a 'representação' do fato passado, sendo assim, o resgate da sua imanência. Jacques Le Goff conceitua 'mémoria' na obra *História e Memória*:

[...] Propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1994, p. 423).

Evidentemente, é salutar enaltecer que a memória coletiva e sua forma científica e histórica são aplicadas a dois tipos de materiais da memória, como bem faz questão de distinguir Le Goff (1994): os documentos e os monumentos. O primeiro refere-se à escolha do historiador, ao passo que o segundo é uma herança do passado que se liga ao poder de perpetuação (voluntária ou involuntária) das sociedades históricas, sendo um legado da memória coletiva. O outro termo, documento, evoluiu de 'ensinar' para o significado de 'prova' (como usado no legislativo), um 'papel justificativo'. Na antiguidade, os monumentos tinham o valor da força da palavra em si e os documentos, valor inferior. O século XX trouxe ao documento um valor triunfal que coincide com o que chamamos hoje de texto, e esse alargamento do conteúdo do termo documento alavancou uma revolução documental que se produziu nos anos 60. Desse modo, a revolução documental promoveu uma nova unidade de informação: a memória progressiva, que veio a valorizar a memória coletiva como patrimônio cultural. Sobre a concepção do documento/monumento Le Goff pontua que

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que seja ele – enquanto documento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do

documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1994, p. 545).

Le Goff apregoa que o ‘novo documento’ - o texto - tenha seu potencial alargado, que seja tratado como um documento/monumento que possa evoluir do campo da memória para o campo da ciência histórica. Hoje em dia, é impossível fazer uma distinção clara entre memória coletiva e memória histórica, uma vez que a primeira passa pela história e é filtrada por ela; portanto, é impossível à memória escapar dos processos históricos, já que esses a postulam como a memória da tradição vivida, espontânea, afetiva, múltipla e vulnerável, e a história como uma operação profana, reconstrução intelectual sistematizada e crítica do passado. Essa afirmação é bastante rígida e crítica, o que pode levar a infinitas discussões sob diferentes pontos de vista e, por isso, não nos ateremos a ela. Preferimos nos deter em um caminho que visualize nelas (as discussões) caminhos paralelos, ou seja, seja ela memória individual, coletiva ou histórica, ela é memória. E, de acordo com Seixa,

Toda memória é fundamentalmente ‘criação do passado’: uma reconstrução engajada do passado [...] e que desempenha papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstruem sua identidade (SEIXA apud BRESCIANI; NAXARA, 2001, p. 42).

Portanto, por meio dos autores das obras selecionadas, ater-nos-emos a trechos narrativos impregnados de memória, de registro da história desse povo, dessa gente, desse espaço geográfico, que passará a ser a fonte de pesquisa da qual extrairemos as informações, as características que são próprias a essa região altamente híbrida e multicultural, onde o estado do Mato Grosso do Sul se encosta ao país vizinho, o Paraguai.

Fragments textuais: vidas, histórias e narrativas

Na obra de Taunay, a literatura se funde com a história dessa região fronteiriça que hoje conhecemos como Mato Grosso do Sul. Na obra *Retirada da Laguna*, revisitamos a história do Centro-Oeste contada por Alfredo d’Escragnolle Taunay, mais conhecido como Visconde de Taunay. Na função de engenheiro militar, Taunay participou do grupo expedicionário que invadiu o Paraguai na Guerra Brasil/Paraguai, com a missão de redigir o Relatório Geral da Comissão de Engenheiros. Esse trabalho de pareceres acabou por constituir um conjunto de representação literária de como foi a

Guerra do Paraguai. Na obra, encontramos figurada a organização e a movimentação da chamada força expedicionária, que marchou em direção à fronteira norte do Paraguai, bem como o relato dos trinta e cinco dias de horror, de heroísmo e de bravura durante a retirada das terras invadidas. A narrativa segue em ordem cronológica dos acontecimentos, entre 1.º de janeiro e 12 de junho de 1867, data que marca o fracasso tático da tomada dessa região inóspita. No Prólogo da obra, Taunay apresenta o teor d’*A Retirada da Laguna* (2005):

É o assunto deste volume a série de provocações por que passou a expedição brasileira, em operações ao Sul de Mato Grosso, no recuo efetuado desde a Laguna, a três e meia léguas do rio Apa, fronteira do Paraguai, até o rio Aquidauana, em território brasileiro, trinta e nove léguas, ao todo, percorridas em trinta e cinco dias de dolorosa recordação. Devo esta narrativa a todos os meus irmãos de sofrimento, aos mortos ainda mais que aos vivos (TAUNAY, 2005, p. 44).

Taunay descreve na obra, enquanto narra, um pouco da fauna, da flora, da topografia da região. Relata campos inundados, tipos de folhagem, coisas relativas à natureza da região, como: “[...] tremendo furacão se desencadeou sobre o acampamento. Torrentes de chuva transformaram logo o solo em lamaçento pantanal” (TAUNAY, 2005, p. 86); ou, ainda, quando descreve a topografia da região de Bela Vista e seu terreno: “Encaminhavamo-nos para as ruínas de Bela Vista. Abria-se diante de nós largo vale, quase plano, tendo à direita um renque de colinas de suave declive” (TAUNAY, 2005, p. 96). O engenheiro ocupa-se em registrar também os martírios e as doenças que acometiam a tropa durante o percurso:

A carne estragada que éramos obrigados a comer, ou a fome curtida quando as náuseas venciam o apetite, ou ainda o insuportável ardor dos incêndios que nos escaldavam o sangue, quiça a infecção oriunda de todas as substâncias vegetais que devorávamos, brotos, frutos verdes, podres, ou também, enfim, a insalubridade do ar viciado pela água estagnada dos charcos e lodaçais que naquela região tanto abundam (TAUNAY, 2005, p. 128).

Além do embate da luta armada e de todos os infortúnios pelos quais passaram, Taunay relata a peste que dizimava homens e mulheres, a cólera, que ele credita ao ambiente típico da região, o solo pantaneiro, por muitos trechos encharcado de água, proporcionando ambiente propício à proliferação de mosquitos que geram várias moléstias, a exemplo da malária, e ainda outras muitas doenças.

Em *Inocência* (2010), Taunay apresenta vasta descrição da região, da natureza, dos usos e dos

costumes dessa terra geograficamente demarcada, e suas considerações decorrem de toda uma série de anotações que se transformam em relatos baseados na sua experiência de vida militar e sertanista, na sua vida particular:

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquele solo, fertilizado, aliás, por um sem numero de límpidos e borbulhantes regatos, ribeirões e rios, [...] (TAUNAY, 2010, p. 16).

De acordo com Eliane Zagury (1982), o caráter testemunhal das observações pessoais de Taunay é o eixo ideal do aparecimento do gênero memória em uma literatura. Com isso podemos afirmar que as obras selecionadas para estudo, mesmo não levando o gênero/título de ‘memórias’, são assim por nós entendidas, uma vez que trazem na sua narrativa traços marcadamente memorialísticos e é nesses trechos selecionados que intencionamos apontar os traços constituintes dessa região específica.

Com o escritor Hernâni Donato, encontramos, em *Selva Trágica* (1976), o retrato do que era a vida dos trabalhadores nos ervais, a lida com a erva, as leis que lá imperavam, e do modo como funcionavam a economia e a vida social dos ervateiros. Donato registra a dureza e o sofrimento pelos quais passavam os ervateiros nessa região inóspita da fronteira. Os peões acordavam por volta de três e meia da manhã, ainda cansados da véspera, e iam para a ‘lida’, palavra que designa o trabalho para os habitantes da região:

Meio-dia. Avançam pelo tape, pernas duras, passadas curtas. Cada passo debaixo do raído de quase duzentos quilos exige grande esforço. O raído passa uma alça forte ao redor da cabeça do mineiro. Ela solda a carga ao homem e evita que a espinha dorsal se parta. Ao fim de cem passos, quando o raído ‘assenta’, a alça começa a latejar, como se batesse para entrar nas paredes do crânio. Vencido um quilômetro, os ombros ficam insensibilizados pelas duas correias que os enlaçam. Por cima dos outros pesos há também o de duas preocupações: não errar o passo – pois o tombo pode quebrá-lo debaixo do fardo; e não permitir que a espinha dorsal se curve [...] se pisa fora da trilha e escorrega ou tropeça morrerá debaixo do fardo (DONATO, 1976, p. 21).

Donato descreve na obra o que era a realidade diária nos ranchos ervateiros, demonstrando, nua e cruentamente, o que foi a exploração da erva-mate que alavancou o Estado, beneficiou a Companhia Mate Laranjeira e escravizou os peões da região. Na obra, figura menção à ‘Companhia’, que por momento nenhum é ‘Laranjeira’, a ‘Mate Laranjeira’, empresa

que capitaneava todas as ranchadas daquela vasta região. Porém, sabendo um pouco da história local, não há como se ler ‘essa’ como uma ‘outra’. Donato escreve na obra que de ‘tal’ Companhia chegavam ordens de aumento de produção, descreve que a todo instante, devido à vida dura e pesada, acabava fazendo que muitos desissem da empreitada. Entretanto denuncia que os fugitivos, se capturados, pagavam pelo ato da fuga com a própria vida, como podemos verificar no trecho abaixo, no qual um personagem planeja fuga da ranchada e é alertado por outro do perigo que corre:

Mas se entrega, levam você de volta pro rancho e judiam até o ponto de as mulheres pedirem pra matar porque o sofrimento será coisa em demasia. Já aconteceu assim, sabe?! Eles não sentem pena, não senhor. A Companhia não perdoa ninguém. O que você tem a fazer é chegar ao rio. Se chegar meio morto, não faz mal. Se chegar sem roupa e sem comida, também não faz mal. O que não pode é parar, entendeu?! (DONATO, 1976, p. 49-50).

Esse trecho evidencia o aspecto de trabalho escravo da época. Não que eles não recebessem pelo seu trabalho. Recebiam sim. Sempre por vales. Trocavam por carne, querosene, bebida e estavam sempre em débito com a Companhia. Muitas vezes, trabalhavam somente para pagar os ‘vales’ nas vendas de propriedade da própria Companhia. Essa condição gerava descontentamento geral e, para apaziguar os ânimos, era de praxe os gerentes das ranchadas organizarem bailes para acalmar a peonada, aliviar a vida difícil e o cansaço.

Era chegado o tempo de dar um baile, pois o mau humor dos homens ia de subida. Já precisavam usar pulso e isso era ruim [...] durante as horas do baile deixavam de funcionar todos os códigos de honra e de costumes de que se servem os homens e as mulheres [...] na bebida misturavam ervas, raízes e fumo desfiado, coisas que mantêm os homens sedentos e apressam a embriaguez geral. Um homem que permaneça sóbrio pode comprometer a alegria de todos (DONATO, 1976, p. 30).

Mulheres eram arranjadas e obrigadas a saciar todos os desejos dos homens durante o baile. O intuito era fazer que esquecessem todos os seus rancores e frustrações naquela noite e recarregassem os ânimos para voltarem com mais energia para o trabalho nos dias seguintes.

Sabem que o baile é feito como oportunidade forçada para elas desafogarem os ardores reprimidos dos homens do erval. Durante a noite do baile, os mineiros usavam das mulheres como durante o dia serviam-se dos instrumentos de trabalho (DONATO, 1976, p. 29).

Donato registra na sua narrativa um período áureo da economia do Estado, porém, ao mesmo tempo, um período de escravidão e de exploração de uma população por parte de uma Companhia. É relevante destacar que, em momento algum, encontramos na obra de Donato uma menção positiva em relação a esses empregadores. Por outro lado, na obra de Hélio Serejo encontramos não só elogios à Companhia Mate Laranjeira, mas também o destaque a essa companhia, por ter sido uma das responsáveis pelo progresso da região e por preocupar-se com o bem estar dessa população.

Hélio Serejo também detalha a lida nos ervais, apresentando a vida difícil, os entreveros, as doenças e até mesmo a socialização entre os trabalhadores, como o momento de folga e hábitos próprios da região, como as rodas de tereré, os 'bailezitos', sempre ressaltados pela historiografia.

Essas ocasiões relatadas precisam ser compreendidas nos seus determinantes, já que ajudam a construir o contexto histórico-social desse espaço. Em toda a historiografia de conteúdo memorialístico, nada há que possa ser igualado aos escritos serejianos sobre os ervais. Serejo revela as condições de existência desses homens em seus pormenores, além de abordar, com riqueza de detalhes, todas as etapas da elaboração da erva-mate e as operações realizadas pelos respectivos trabalhadores. Durante anos a fio, a Companhia Mate Laranjeira teve grande influência na situação política e econômica do município de Ponta Porã e do estado de Mato Grosso, para o qual contribuía, nos primeiros anos da República, com um terço da sua arrecadação. É fato notório que a Empresa Mate Laranjeira desbravou zonas inóspitas da região, construiu estradas e portos para o transporte da erva-mate, mas que hoje estão entregues ao domínio público do Estado.

Em *Homens de Aço*, Serejo dá sinais de que apóia a empresa, quando demonstra que ela trouxe civilização para o Estado, sendo, desse modo, a principal responsável pelo desenvolvimento econômico de Ponta Porã: “[...] a Mate Laranjeira fez, sozinha, no município de Ponta Porã, em pouco tempo, o que não conseguiram fazer em quarenta anos de governo.” (SEREJO, 2008a p. 277). Esse desenvolvimento proveniente da existência da empresa não teria acontecido apenas em Ponta Porã, mas também em toda a região Sul por ela polarizada. Serejo afirma não entender a propaganda injusta, a campanha de agressão feita à Empresa Mate Laranjeira por alguns jornalistas. No entanto, encontramos trechos na obra do escritor que admitem o trabalho escravo ao qual os homens eram submetidos:

A indústria da elaboração do mate é assim. O bom preço e a suposição de um ganho relativamente fácil e rendoso levam o homem a uma condição humilhante de escravo voluntário (SEREJO, 2008a, p. 252).

Na obra, Hélio Serejo apresenta os ervateiros como heróis anônimos e audazes, como super-homens, como leões que enfrentam a floresta bruta e ingrata. Descreve a paisagem do erval, o caati (labirinto na mata bruta) com suas divisões em: tape-guassú, estrada maior e limpa; tape-hacienda, trecho que liga o barbaquá (forno de secar erva) e o tape-guassú; tape-poí, caminhos estreitos como trilhos por onde os ervateiros carregam o produto até o tape-hacienda. O escritor descreve o caati como um verdadeiro labirinto:

[...] o erval que tem, por exemplo, quatro tape-guassú, possui pelo menos cinquenta tape-hacienda e mais de duzentos tape-poí, no labirinto deixa-se possuir de pavor na escuridão da mata, desconha das encruzilhadas sempre iguais, uniformes (SEREJO, 2008a, p. 234).

Visto que o ervateiro descuidado pode se perder nas encruzilhadas, a atenção tem de ser uma característica desses homens, e a ferramenta que usam para se orientar são os gritos (mbureio). Na obra *Caraí* (2008), Serejo distingue as diferentes entonações do mburear. Segundo ele, um grito chama a atenção; dois gritos indicam que o peão está satisfeito; três gritos indicam que as coisas vão mal, que o peão está desorientado; e, se repetir três gritos seguidos, é sinal de socorro urgente. Na obra *Vida de erval* (2008), Serejo fala do mbureio:

O grito lamentoso cala fundo no coração de todo e qualquer ser humano. Até nas crianças. Quem já ouviu um peão de erval bureando sabe o quanto é triste esse grito comovedor que sai da garganta do monteador, mineiro ou condutor de arrias. Não foram muitos os paraguaios perdidos no esconso dos ervais que possuíram o dom do mbureio. A garganta tinha que ser feita para esse grito confrangedor. Se a garganta não se firmasse naquele moduleio especial, o grito sairia estropiado, seco, rouco, sem vibração nostálgica e fatalmente morreria por ali mesmo, antes do primeiro tape-hacienda (SEREJO, 2008c, p. 110).

Outro ponto pertinente a se destacar é o registro da fauna e da flora da região pelo escritor em *Vida de erval*. Ele cuidadosamente registra pássaros, como o urutau, e apresenta os diferentes nomes pelos quais essa ave de rapina é conhecida (SEREJO, 2008c). Fala do tajipucu, um formigão muito venenoso, voraz e ágil (SEREJO, 2008c). Da muçurana, cobra sagrada dos ervais, que carrega todo um lado mítico para aquela gente (SEREJO, 2008c).

A obra *Homens de Aço* também traz um pouco da fauna da região, quando Serejo expressa os perigos que o homem do erval enfrenta: escorpiões, víboras, tigres (jaguaré dos guaranis), jacarés. (SEREJO, 2008a). É importante registrar que esses elementos da natureza local são descritos por Serejo em muitas das suas obras, elementos merecedores de um estudo à parte por

pesquisadores de áreas outras, inclusive sobre o meio ambiente.

Aspectos como esses, relativos à fauna e à flora, são encontrados também em Otávio Gonçalves Gomes, autor que colabora com essa pesquisa por meio da sua escrita marcadamente regional, como em *Onde cantam as seriemas* (GOMES, 1988). Obra literária notável como documento humano, como registro histórico e também folclórico, figura como um retrato do extremo oeste do Brasil, que tem para nós, pesquisadores da região da fronteira Brasil/Paraguai, o valor de um documento/monumento, como bem postula Jacques Le Goff. A referida obra pode ser considerada um patrimônio dessa região, pois cristaliza os seres humanos típicos (caboclo), a cultura, a fauna e a flora nativas:

As seriemas são aves encontradiças nos terrenos secos, campos e cerrados do centro oeste brasileiro. São as seriemas do caboclo, cujo vocabulário tem origem indígena. *Seri* mais *ema* quer dizer: ema com crista. Em dias de sol, elas estão presentes nos espigões dos cerrados, nos outeiros juntos às casas de morada, ou à beira das estradas. Passeiam, às vezes, pelos resfriados das pontas de cabeceiras, andam pelos descampados, guavirais e descansam nas sombras dos pequizeiros copados e de flores mimosas (GOMES, 1988, p. 21).

A seriema, bela ave típica, o caboclo brejeiro, as doces guaviras, os saborosos pequis são lembrados e representados como elementos que caracterizam a nossa 'hinterlândia' inóspita (termo cunhado por Paulo Sérgio Nolasco dos Santos). O caboclo sertanejo é figura de destaque, sempre com seu naco de fumo no bolso, pronto para ser cuidadosamente preparado para 'pitá':

Com a faca que traz sempre à cinta, começa a picar o fumo devagarinho. Toma uma palha de milho, alisa-a de um lado, alisa de outro, corta-a na medida do cigarro, acerta-a, depois enfia o pedaço de palha entre os dedos, ou coloca-a atrás da orelha. Esfrega bem o fumo cortado na palma da mão esquerda com a palma da mão direita. Desfia-o com os dedos e despeja-o na palha. Movimenta a mão para despregar o resto do fumo grudado e começa a enrolar o cigarro (GOMES, 1988, p. 125).

A brejeirice na preparação do cigarro de palha é quase um ritual, descrita minuciosamente por Gomes e, com certeza, eternizado, pois poderá ser recuperado no futuro por pessoas que talvez nunca tenham conhecido esse rito típico do caboclo. Também em primeiro plano aparece a seriema, ave veloz de pernas e bicos vermelhos, de pescoço comprido e penas pardacentas, ave característica dessa região, que embeleza os campos molhados e lamacentos (GOMES, 1988).

Em evidência, não poderiam deixar de figurar as frutinhas silvestres chamadas guaviras, de cor amarelo-esverdeada, do formato de uma goiaba, mas com o tamanho de uma azeitona, de conteúdo gelatinoso doce e muito saboroso. (GOMES, 1988). A sua importância para o povo dessa região faz que Ulisses Serra nelas se inspire para intitular seu livro, *Camalotes e Guaviras* (SERRA, 1989).

Camalotes e guaviras (SERRA, 1989) apresenta uma narrativa que mais parece poesia em prosa. O escritor, ao explicar os motivos do título (assim como faz Serejo em *Balaio de Bugre*), descreve, poeticamente, com cuidado especial com as palavras, as belezas da fauna do lugar:

Belos recantos de Corumbá, à margem direita do Paraguai [...] um pequeno e tranquilo veio d'água serpeava carinho e murmurante sob um tarumeiro, ora copado de lindas flores lilases, ora pojado de frutos escuros e tescalantes [...] a barranca íngreme e calcária cheia de águas-pombeiras, veludinhos, tunas e articunzeiros (SERRA, 1989, p. 13).

Aqui, Serra situa Corumbá, aladeada pelas águas do rio Paraguai e dos veios que nele deságumam, descrevendo as árvores nativas presentes na mata ciliar dessa região e deixando registradas para a eternidade espécies que talvez tenhamos conhecido na infância, mas que provavelmente nossos netos só tenham conhecimento por meio da literatura regional. Em outros trechos figuram as espécies aquáticas da região, que são trazidas ao texto mediante a rememoração dos tempos de moleque do escritor:

À sombra de um seputá, justamente onde o arroio se engolfava na imensa caudal, eu, Augusto e Rodes, meus primos, e mais o bugrinho Quirino, ficávamos na deliciosa tarefa de pescar lambaris para os socós, colhereiros, baguaris, e marrecas pantaneiras que a tia Catita trazia das encantadoras regiões do Taquari [...] Além dos lambaris, pescávamos ferozes piranhas, pondo ao anzol até pedaços de pano encarnado (SERRA, 1989, p. 13).

Nesse fragmento, além de encontrarmos fauna e flora pantaneira, aparece a mistura dos povos pertencentes a essa fronteira: o bugre. Ícone na obra de Hélio Serejo, representando a força de trabalho dessa região, juntamente com os paraguaios e os guaranis. A união que caracteriza essa gente fez Serejo cunhar uma frase que caracterizou a guerra entre Brasil e Paraguai para o autor em *Prosa Rude*: "[...] uma verdadeira carnificina entre irmãos" (SEREJO, 2008b, p. 116). Ulisses Serra também deixa belamente grafado o sentimento de irmandade desses dois povos:

Da nascente à embocadura o Paraguai é homogêneo. Coloração das águas, barrancas, fauna alada e plantas aquáticas são curiosamente iguais e não me pareceu

nunca um acidente geográfico a separar dois povos mas uma gigantesca espinha dorsal a uni-los sempre (SERRA, 1989, p. 14).

Não há como negar os embates e entraves que ocorreram entre brasileiros e paraguaios. No entanto, nesse momento, o lado negativo é posto de lado, e as luzes se focam no que esses autores em especial deixam registrado: uma linha divisória não como a vista pela nação/estado, de divisão, mas como as dos literatos, de contato, de fronteira que nos une, que nos liga, que nos torna próximos, porque somos feitos da mesma ‘espinha dorsal’, como sentencia Serra.

Considerações finais

A existência de obras como essas, por nós selecionadas, propiciam detectar registros de um passado que só é possível porque homens se ocuparam em buscar, nas suas lembranças/memórias, as vivências pelas quais passaram e registrá-las em palavra escrita, com o que se perpetuarão para o futuro e servirão como conhecimento daquilo que nos é próprio. Mergulhar em pesquisas como essa, na qual avançamos pelas obras dos escritores regionais, é como mergulhar na nossa própria memória. Graças à palavra escrita, ao texto, ao registro literário, memorialístico e autobiográfico desses escritores que nessa região passaram e/ou viveram, podemos resgatar um passado para alimentar o presente e o futuro. Ao entender que o conhecimento liberta, essas obras se prestam à nossa soltura, uma vez que resgatam parte do que nos une como indivíduos da grande nação sul-americana.

Referências

- BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Org.) **Memória e (res)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas:Unicamp, 2001.
- CANDIDO, A. **A Educação pela noite e outros ensaios.** São Paulo: Ática, 2003.

DONATO, H. **Selva trágica.** São Paulo: Abril, 1976.

DOSSE, F. **A história à prova do tempo** – Da história em migalhas ao resgate do sentido. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Unesp, 2001.

GOMES, O. G. **Onde cantam as seriemas.** 2. ed. Campo Grande: impressão do escritor, 1988.

HALBWACHS, M. **Memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, J. **História e memória.** 3. ed. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1994.

SANTOS, P. S. N. **Literatura e práticas culturais.** Dourados: UFGD, 2009.

SERRA, U. **Camalotes e guaviras.** Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1989.

SEREJO, H. **Obras completas.** Campo Grande: Instituto de História e Geografia de Mato Grosso do Sul, 2008a. v. I

SEREJO, H. **Obras completas.** Campo Grande: Instituto de História e Geografia de Mato Grosso do Sul, 2008b. v. II.

SEREJO, H. **Obras completas.** Campo Grande: Instituto de História e Geografia de Mato Grosso do Sul, 2008c. v. IV.

TAUNAY, V. **A retirada da Laguna.** São Paulo: Martin Claret, 2005.

TAUNAY, V. **Inocência.** 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

WHITE, H. **Trópicos do discurso** – ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ZAGURY, E. **A escrita do eu.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira; Brasília: INL, 1982.

Received on June, 30, 2011.

Accepted on April, 13, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.